



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

ATA N.º 2 / 2012

Sessão solene extraordinária realizada no dia 25 de Abril de 2012, na Sala de Sessões da Câmara Municipal de Sines. -----

PRESENCAS DOS MEMBROS DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:

Presidente: Fernando Miguel Ramos (PS), em substituição de José Luís Martins Batalha (PS)

1º Secretário: Paula Cristina de Brito Valeira Plácido Ledo (PS), em substituição de Fernando Miguel Ramos (PS)

2ª Secretário: Ana Eugénia Santa Bárbara Ramos (MOV. SIM), em substituição de Paula Cristina de Brito Valeira Plácido Ledo (MOV. SIM)

- José Arcanjo Ferreira da Costa (MOV. SIM)
- Eduardo Luís Contreiras Pires (MOV. SIM)
- Carlos Alberto Guerreiro Murta (MOV. SIM)
- Filipe Manuel Cardoso Rodrigues (MOV. SIM)
- Carlos Alberto da Silva (PS)
- Carlos Rio Salvador (PS)
- Cátia Sofia Silva Salgado (PS)
- Miguel Paulo Ferreira Ribeiro (PS)
- José Félix da Costa (CDU)
- João Manuel Damas (CDU)
- Hélder Alexandre Gil Guerreiro (CDU)
- João Manuel Martins Madeira (BE)
- José da Silva Raposo (MOV. SIM) - Presidente da Junta de Freguesia de Sines
- Luís Manuel Gil (PS) - Presidente da Junta de Freguesia de Porto Côvo

PRESENCAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SINES:

Presidente: Manuel Coelho Carvalho (MOV. SIM)

Vereadores:

- Marisa Filipa Santos Rodrigues dos Santos (MOV. SIM)
- Cármen Isabel Amador Francisco (MOV. SIM)
- António José Nogueira de Almeida (MOV. SIM)
- Nuno José Gonçalves Mascarenhas (PS)
- Idalino Sabido José (PS)



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

ATA N.º 2 / 2012

- Francisco Maria Pereira do Ó Pacheco (CDU)

Eram 11:00h quando o **Sr. Presidente da AMS Fernando Ramos do PS**, abriu a sessão solene extraordinária de 25 de Abril de 2012. Começou por dizer que muito honra a presença de todos, cumprimentando os presentes através da Mesa no dia mais conhecido como o da liberdade. Agradeceu em especial a presença do Sr. Comandante do Posto da GNR em Sines, do Sr. Comandante da Associação dos Bombeiros Voluntários de Sines, bem como dos Municípes de Sines. -----

Antes de dar início aos trabalhos propriamente ditos, informou ainda que o Sr. Presidente da Assembleia não pôde estar presente nesta sessão por motivos de ordem profissional, pelo que, nos termos do regimento compete-lhe enquanto 1º secretário da Mesa substituí-lo e presidir aos trabalhos. Nesses termos informou também que, a Mesa da Assembleia Municipal acaba por ter uma composição diferente, tendo como 2º Secretário a Sra. Deputada Ana Ramos e como 1º Secretário a Sra. Deputada Paula Ledo do PS. -----

Por ser uma sessão solene extraordinária, esta sessão terá somente as intervenções dos vários grupos políticos com assento na Assembleia Municipal e no executivo. -----

De acordo com o decidido na Conferência de Representantes dos vários Grupos Municipais, começou por dar a palavra à Câmara Municipal, chamando para fazer a sua intervenção o **Sr. Vereador Francisco Pacheco da CDU**, que se reproduz na íntegra: -----

Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal de Sines

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Sines

Exmos. Srs. Deputados Municipais

Exmos. Srs. Vereadores

Exmos. Srs. Presidentes das Juntas de Freguesia de Sines e Porto Covo

Exmos. convidados

Srs. Jornalistas

Minhas senhoras e meus senhores

Quando os povos da Índia, de Angola, Da Guiné Bissau, de Cabo Verde, de Moçambique e de S. Tomé e Príncipe decidiram lutar contra o Portugal colonialista nos anos sessenta do século passado, era mais que sabido que mais tarde ou mais cedo, Portugal seria expulso desses territórios e que novas nações surgiriam dessas guerras de libertação nacional.

Com o início das guerras africanas a oposição política portuguesa sentiu que era necessário recrudescer a contestação a Salazar e precipitar o fim do regime fascista.

A campanha presidencial de Humberto Delgado apenas dois anos antes tinha demonstrado toda a revolta do povo português, quando aquele oficial general percorreu o país em apoteose e foi aplaudido por milhões de portugueses.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

ATA N.º 2 / 2012

Seguiram-se na primeira metade dos anos sessenta grandiosas lutas académicas e durante toda essa década e já no início dos anos setenta, tiveram lugar grandiosas lutas operárias por melhores condições de vida e de trabalho e pelas liberdades sindicais.

A Intersindical Nacional hoje CGTP é criada em Outubro de 1970 e recrudescem as lutas dos trabalhadores contra os sindicatos corporativos do regime fascista, defendendo a liberdade dos trabalhadores nas suas decisões sobre a organização e independência da acção sindical.

Em 1970 o Partido Comunista Português cria a ARA – Acção Revolucionária Armada, quer dava inicio nesse ano de acções de guerrilha urbana, cuja primeira operação seria a colocação de várias cargas explosivas no casco do navio Cunene, que se preparava para seguir para África com militares a bordo para a guerra colonial.

As falsas campanhas eleitorais legislativas de 1969 e 1973, que Marcelo Caetano se vira obrigado a convocar face ao isolamento internacional em que mergulhara o regime político, apesar de todos saberem os resultados antecipadamente já significavam que o fim do regime estava eminente.

E assim foi. Um punhado de militares que a história viria a apelidar de Capitães de Abril, comandados pelo capitão Salgueiro Maia em 25 de Abril de 1974, saiu de Santarém para Lisboa em coluna militar prendeu Marcelo Caetano e algumas figuras gradas do regime fascista incluindo da tenebrosa polícia política, constituiu-se em governo provisório e apresentou ao povo português as linhas programáticas do MFA – movimento das forças armadas.

O MFA marca então eleições gerais constituintes para 25 de Abril de 1975 e eleições legislativas, presidenciais e autárquicas para 1976.

Em plena liberdade o povo português lutou por tudo aquilo que lhe havia sido sonogado durante décadas – a paz, o pão, a saúde, a educação, a justiça, a habitação, o trabalho, a segurança social, em suma a dignidade a que todos e qualquer um têm direito.

Mas foi então claro também que outros portugueses não faziam parte desses nobres propósitos e sabotaram fábricas, abandonaram campos, transferiram enormes quantias de dinheiro para o estrangeiro procurando enfraquecer a economia, fomentar o caos social e encaminhar o país para a guerra civil.

A entrada de Portugal na CEE na década de oitenta levou a que muita gente, governantes principalmente, se embebedasse com os fundos comunitários que trouxeram para Portugal muitos milhares de milhões de escudos primeiro, de euros depois.

E foi um faltar vilanagem em despesas de mero interesse político eleitoral à custa do endividamento do país. Perdemos as pescas, a agricultura, os principais sectores industriais que dominávamos.

O país tem hoje dívida pública e privada que soma mais de três vezes aquilo que produzimos num ano. Já não temos crédito internacional. Somos um país de governantes pedintes, já com pouca autonomia e com escassa independência nacional. Mandam em nós o FMI o BCE e a União europeia. E obrigam-nos a passar mal. Temos mais de um milhão de desempregados e mais de dois milhões de pobres. Roubam-nos salários e pensões e fazem-nos temer o futuro. Mas a crise não é para todos. Ficam de fora os mesmos de sempre.

Em Sines tudo aconteceu como no resto do país com a agravante de o estado fascista nos ter imposto um complexo portuário e industrial em 1971 e através do seu órgão local – o GAS, ter agravado o clima de terror e opressão em que já vivíamos.

Já em 1973 a CDE denunciava em comunicado por ocasião da campanha eleitoral desse ano o roubo das terras aos pequenos e médios agricultores locais e a tirania a que o povo de Sines estava sujeito.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

ATA N.º 2 / 2012

No início dos anos sessenta José Pacheco dirigia a luta dos trabalhadores rurais pelas oito horas de trabalho diário. Américo Leal continuava na luta clandestina pela liberdade nas fileiras do PCP, António Vilhena Rachadinho, João Brás, Raul Bernardino, José Ferreira, Higino Pedro da Silva e muitos outros passaram pelos calabouços da Pide no Aljube, em Caxias ou em Peniche.

Com o 25 de Abril de 1974 o povo de Sines saiu à rua e exigiu a democratização do GAS – gabinete da área de Sines, e expulsou de Sines o seu tenebroso director António Martins. O mesmo que inexplicavelmente seria convidado pelo actual presidente da câmara municipal de Sines para dissertar sobre o complexo industrial – como se o povo de Sines não tivesse conhecido na carne o projecto industrial de Sines e o seu director. Uma grave ofensa aos sinienses foi então consumada.

O que é verdade é que o projecto inicial do empreendimento de Sines foi corrigido e alterado fazendo confluir o interesse nacional e o interesse municipal, tendo esse desiderato ficado consubstanciado no Plano Director Municipal de Sines realizado pelo município com unanimidade de todas as forças políticas e aprovado por resolução do conselho de ministros de 1990.

Apesar dos abusos e excessos ainda hoje incompreensivelmente verificados em matéria de poluição industrial e que prejudicam a imagem pública de Sines e a qualidade de vida de todos nós, estamos certos que a população, os eleitos locais e as empresas industriais serão capazes de resolver o problema, sob pena de se agravar a contestação popular e institucional, o que se vem verificando desde Outubro de 2011.

Incompreensíveis também são os níveis de endividamento que a câmara municipal de Sines atingiu. Quase 30 milhões de euros em 31-12-2011. O excesso de endividamento para além da ilegalidade que reveste é mau para a imagem do município, é mau para a segurança dos trabalhadores, é mau para a sustentabilidade das colectividades e associações, é mau para as pequenas e médias empresas locais que esperam e desesperam pelo pagamento dos seus fornecimentos, oito meses em média.

Incompreensível também é a destruição da avenida marginal da praia Vasco da Gama e o abate de dezenas de palmeiras com décadas de vida, para construção de um elevador de duvidosa necessidade, atirando à rua pela janela dos Paços do Concelho muitos milhões de euros.

Sr. Presidente, Srs. Deputados

O povo português luta duramente contra as políticas que o esmagam e em poucos meses realizou duas greves gerais com milhões de trabalhadores na contestação. As populações de todo o país rumaram a Lisboa e mais de 200 mil pessoas inundaram a avenida da Liberdade em defesa das suas freguesias. O 25 de Abril está aí, nas ruas onde o povo luta e como sempre na História irá continuar a lutar. Essa a mensagem política do PCP e da CDU. Na luta política podemos perder ou ganhar. Mas se não lutarmos perderemos sempre. O 25 de Abril que hoje assinalamos e comemoramos é o mais recente paradigma da luta política e social dos tempos modernos.

VIVA O 25 DE ABRIL. VIVA PORTUGAL.

De seguida, o Sr. Presidente da AMS Fernando Ramos do PS deu a palavra ao Sr. Vereador Idalino José do PS, cuja intervenção se reproduz na íntegra: -----

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Sines

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Sines e digníssimos Vereadores

Exmos. Senhores Deputados Municipais, Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia de Sines e Porto Côvo



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

ATA N.º 2 / 2012

Entidades e Associações Convidadas

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Comemoramos hoje o 38º aniversário da revolução dos cravos, num momento em que os portugueses estão a sofrer grandes dificuldades económicas e sentem um claro retrocesso na sua qualidade de vida, mercê de um desemprego crescente e das políticas recessivas que têm sido tomadas pelo Governo.

Na sessão solene do 25 de Abril do ano passado, nesta Assembleia, face à crise económica e social que então já se perspectivava, vaticinei que este problema global teria tendência para se agravar e que a seguir à Grécia, Portugal poderia estar em situação idêntica, caso não fossem tomadas as medidas corajosas que se impunham para atacar a crise, dadas as disfunções que se foram acumulando na nossa sociedade há mais de duas décadas.

Disfunções essas, afetadas com a crise do “subprime”, originária nos EUA, e que aliadas às políticas neoliberais e aos movimentos especulativos, como na altura referi, rapidamente se propagou à Europa, com um primeiro impacto nos países com economias mais débeis, arrastando-os para uma crise financeira, económica e social sem precedentes; num segundo impacto, podendo contagiar as economias mais estruturadas e de maior dimensão como a Espanha e a Itália, e propagar-se à França, mergulhando a Europa num caos económico e social de duração imprevisível.

Infelizmente, a realidade mostra-nos que já estamos muito próximos deste cenário!

Encontramo-nos perante um momento único da história da Europa, porque a sua saída do caos actual, depende do reforço de coesão económica e social dessa Europa, da aplicação de políticas que favoreçam o crescimento económico e o emprego, só possível com decisores imbuídos de um verdadeiro espírito europeu.

Na actual situação de crise em que vivemos, temos que saber manter a lucidez de espírito e praticarmos uma verdadeira devoção à causa comum, saber compreender os sinais dos tempos, e ter a capacidade de promover as mudanças e as necessárias adaptações a esta nova realidade.

Nestes tempos de crise, há que promover uma efetiva necessidade de partilha. Temos que saber partilhar uma parte do nosso bem-estar em benefício dos mais desfavorecidos, daqueles onde começa a escassear o pão, a saúde e a educação, mas interrogando-nos sempre do porquê de termos chegado a este impacto económico e social, e sabermos agir, reforçando o espírito da nossa história, tais sacrifícios sejam equitativamente repartidos, em nome da dignidade e da respeitabilidade da pés soa humana, em que todos, segundo as suas posses, contribuam para um Portugal mais justo, se quisermos construir uma sociedade digna do 25 de Abril.

Temos que ter esta grande ambição! De conseguirmos ultrapassarmos a crise, sendo mais solidários com quem mais precisa, combatendo as injustiças, sem nos deixarmos cair no egoísmo e na tentação fácil de criar bodes expiatórios e de os transformar nos autores das desgraças que, por vezes, nós próprios ajudámos a criar.

A história mostra-nos que as más paixões, fruto de más opções, facilmente nos conduzem a novas tiranias, a novas servidões, pelo que temos de ser capazes de resistir a tais apelos e saber praticar o espírito de Abril.

Esta é a grande homenagem que podemos prestar à Revolução dos Cravos e aos valorosos Capitães de Abril que nos devolveram a Democracia naquela madrugada libertadora.

VIVA O 25 DE ABRIL,

VIVA PORTUGAL



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

ATA N.º 2 / 2012

De seguida, o Sr. Presidente da AMS Fernando Ramos do PS deu a palavra ao Sr. Presidente da CMS Manuel Coelho do MOV. SIM, cuja intervenção se reproduz na íntegra:

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal,
Senhores Vereadores da Câmara Municipal;
Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia de Sines e Porto Covo
Senhores Deputados da Assembleia Municipal;
Entidades Oficiais
Minhas Senhoras e meus Senhores;
População de Sines;
Representantes da Comunicação Social.

Voltamos a este lugar para invocar a Revolução de Abril de 1974; reafirmando tudo o disse aqui na Sessão Solene do 25 de Abril de 2011.

Prestar a eterna homenagem aos seus heróis e aos mártires que deram as suas vidas para tornar possível esse acontecimento memorável e incontornável da História de Portugal e do seu Povo.

Nesta homenagem quero invocar duas figuras de Abril – Zeca Afonso, no 25º. Da sua morte – como um vulto de Abril, pela sua mensagem cantada, pelas suas convicções, pela sua generosidade e sentido de fraternidade e justiça e Miguel Portas que ontem findou a sua presença entre nós e com quem travámos lutas contra o fascismo e por um Portugal democrático, livre e solidário.

Ambos permanecerão na minha memória pelo que foram e lutaram; pelo seu exemplo, pela sua entrega às lutas, pelo engrandecimento dos Homens numa sociedade livre, democrática e progressista.

Hoje os democratas, os progressistas, os trabalhadores e, principalmente, os que mais sofrem com a exploração desenfreada, com o desemprego e a precariedade e a miséria, devem assumir um sentimento de profunda reflexão para comemorar a revolução e celebrar o Abril libertador e promissor daquele período glorioso de luta e de festa da liberdade.

Sim, porque hoje, e neste período caracterizado por um quadro de violência surda exercida pelo Estado e as forças poderosas da alta finança e do poder económico. E o mais revoltante, é que exerce este poder de forma tão mistificatória como, creio, que não há memória.

Nesta data, o Povo Português, e principalmente os trabalhadores da função pública, os desempregados, os trabalhadores precários, os idosos, vivem num clima de incerteza, de revolta e medo - pelo que nem sequer conseguem expressar devidamente a sua revolta interior por verem e serem vítimas de tanta injustiça, tanta mentira e a constante ameaça de que tudo piore – para as suas vidas e a insegurança do amanhã.

Mas devemos, mesmo assim, celebrar esse Abril, festejando as vitórias então alcançadas para o Povo Português e dos Povos das então colónias do regime opressor, com o conseqüente resgate da opressão, e a liberdade e formação de partidos políticos, sindicatos e associações; a formação de novos Estados Soberanos – que vieram a constituir-se na atual C.P.L.P (Comunidade de Povos de Língua Portuguesa) como uma expressão da liberdade de associação de Povos e Nações livres e da afirmação da língua portuguesa, das trocas comerciais e intercâmbios culturais – que significam a projeção de cada País no mundo e no engrandecimento de Portugal.

Celebramos também a criação de um Estado moderno, ancorado na vontade do povo e em estruturas democráticas – que conseguiu criar um Serviço Nacional de Saúde universal – com resultados verdadeiramente extraordinários e surpreendentes que colocam o nosso País num patamar de qualidade e



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

ATA N.º 2 / 2012

eficiência, a par dos mais avançados do mundo desenvolvido (particularmente na saúde infantil, às grávidas, às doenças infecto contagiosas, aos idosos; traduzidos em indicadores de saúde, na esperança de vida, na investigação e qualidade dos atos médicos desde os mais simples aos mais complicados).

Celebramos também a libertação e a afirmação das mulheres e da sua inserção no mundo do trabalho; da educação e formação – que lhe proporcionaram níveis de desempenho em todas as funções profissionais e participação no exercício do poder em todos os escalões e órgãos de soberania impensáveis antes do 25 de Abril.

Celebramos também a Instituição do Poder Local Democrático e o seu desenvolvimento – como uma conquista extraordinária do povo português, pelo seu significado e pelo papel que tem desempenhado no desenvolvimento do país, na qualificação dos espaços urbanos, na qualidade de vida das pessoas e na coesão e solidariedade social.

Hoje é pertinente e importante perguntar e refletir:

Como foi possível fazer tanto em tão pouco tempo?

Porque houve uma revolução com a participação do Povo Português;

Porque houve debate e confronto de ideias, projetos e programas – sempre na procura das melhores soluções.

Porque as forças progressistas se empenharam na construção do Portugal democrático, desenvolvido, humanista e solidário.

E porque uma parte significativa da própria direita política se empenhou também nos projetos para a criação dos pilares do estudo social; instituição e criação do Serviço Nacional de Saúde universal e gratuito; no monumental trabalho de saneamento básico e redes de água para toda a população; na criação da Escola Pública – desde as creches, pré-escolas; ciclos básicos e ensino superior aberto a todos os jovens; a criação da Segurança Social para todos; a erradicação das barracas e a procura de assegurar uma vida digna a todas as famílias.

Como foi possível chegarmos ao estado atual em que impera a mistificação, a tentativa de confundir e enganar a cerca das causas do desastre de Portugal e dos Países Europeus e das soluções para este estado de calamidade pública, que está a destruir o nosso País e a varrer a Europa como uma peste da Idade Média, corroendo o Estado e os seus fundamentos; destruindo as funções essenciais de um estado social, cujas funções e dever, é promover o progresso, assegurar a justiça, defender os direitos de quem trabalha; proteger os desprotegidos; assegurar o acesso de todos os cidadãos aos bens essenciais: desde a habitação, cuidados de saúde; educação e formação profissional, proteção social no emprego, no desemprego, nas doenças, na velhice; garantir a solidariedade, coesão social e a tranquilidade dos cidadãos.

Este Estado está a ser combatido e destruído pelas alianças das forças do capital especulativo com os governos de cariz neoliberal e com a complacência das forças do chamado centro do espectro político ou partidário.

É claro que a cavalgada para este desastre vem dos fins dos anos 70, acentua-se com a onda de choque criada pelos Governos da Sra. Thatcher e do Sr. Ronald Reagan e alastra à Europa corroendo todos os Governos e organizações político partidárias – dos chamados arcos do poder incluindo sociais-democratas e partidos socialistas (vide Tony Blair e outros).

Foi o esplendor das teorias dos neoliberais com as suas teses da asfixia dos poderes do Estado; da fúria das privatizações; da deslocalização de indústrias e das tecnologias para os longínquos Países sem leis e sem o mínimo de proteção dos direitos dos trabalhadores;

Foi a criação dos paraísos fiscais e dos mecanismos de fuga aos impostos, à falta de supervisão das regras da banca; da desvalorização do trabalho – da desregulamentação da economia e no incentivo ao consumismo



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

ATA N.º 2 / 2012

desenfreado do supérfluo, criando uma ilusão nos trabalhadores incautos e na pequena burguesia iludida com os falsos paraísos.

Esta onda varreu os Estados Unidos e a Europa – levou à falência de grandes bancos e à pré-falência de grande parte dos restantes e, em consequência à ruína de pequenas e médias empresas, aos despedimentos em massa e à miséria de muitas pessoas.

E, mais uma vez, levaram os Governos a embarcar na salvação nestes Bancos, à custa de biliões de euros e dólares produzidos pelos trabalhadores e desviados das necessidades dos investimentos no sector produtivo para acudir à salvação do sector especulativo.

Foi através da construção de um mostro devorador de riqueza produzida, e ao mesmo tempo de um processo de corrosão e corrupção dos Governos e dos aparelhos de Estado, que se chega a esta situação trágica e sem saída à vista.

Mas, além disto, tentaram e tem conseguido difundir e fazer crer às pessoas e aos decisores políticos uma monumental mistificação, desde as tentativas das suas explicações de que as causas deste desastre estão nas pessoas que vivem acima das suas posses; que não trabalham e que produzem pouco; que isto se deve aos gastos com os funcionários públicos; com a saúde; a educação e a segurança social.

Ao mesmo tempo que proclamam aos sete ventos que as soluções que apresentam são as únicas para resolver os problemas – apelando à passividade, aos consensos, à ausência de luta, procurando assim criar e impor o pensamento único, como o caminho seguro para as suas soluções – e a continuação do aprofundamento das desigualdades sociais.

Isto é, é preciso, segundo eles, completar o trabalho de desarticulação do Estado de completar o ciclo de privatização das empresas fundamentais à Economia Nacional e à defesa da soberania do Estado Português.

Este é o cenário trágico do nosso País e da Europa, daquela Europa que nos foi apresentada e garantida como a Europa das Regiões; dos Povos e Nações, unidas para a construção de um espaço comum de progresso, da defesa dos valores da liberdade, da democracia, da civilização avançada, da cidadania e interajuda, com uma agenda para a criação de emprego e o desenvolvimento sustentado.

Esta Europa, atualmente sem rumo, sem convicções, sem liderança, sem preocupação em encontrar soluções credíveis para um futuro de progresso, paz, entendimento e cooperação, insistindo no caminho da chamada austeridade como solução para os problemas que sufocam a sociedade e esmagam os pobres e desempregados.

O poder político dominante na Europa – aliado ao capital financeiro tem uma estratégia que leva inevitavelmente a uma sociedade mais desigual e assimétrica que não garante proteção dos mais fracos e desprotegidos.

É revoltante constatar que nunca houve tanta capacidade de produção, tantos recursos disponíveis em tecnologias, recursos humanos qualificados; nunca houve tantos ativos financeiros e tanto dinheiro no mundo (palavras do Prof. José Reis da Universidade de Coimbra e membro do Observatório Social) que, com estes meios continua a imperar a injustiça na apropriação e distribuição de riqueza – que leva a este cenário de desemprego, miséria e abandono das pessoas que necessitam e que esperavam que o Estado e aqueles que elegeram, uma política que defendesse os seus empregos e o acesso aos direitos que as Leis desses Países consagraram.

O fulcro real da economia e da alta finança é satisfazer a ganancia dos poderosos e não se preocupar com as necessidades de quem produziu essas riquezas e é atirada para as margens do sistema. É a infâmia universal.

Mas, atenção:



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

ATA N.º 2 / 2012

Não há aqui desespero nem desanimo – à denuncia, à critica contundente e um apelo à tomada de consciência, à missão das forças progressistas e à luta pela retoma do rumo de progresso do nosso País e da Europa onde nos inserimos e pelo qual devemos lutar.

Senhores vereadores, senhores deputados, caros sineenses,

Somos cidadãos de um País centenário – que nos orgulha e nos responsabiliza.

Somos eleitos com grandes responsabilidades no desempenho das nossas funções ao serviço do povo e na defesa e promoção do interesse público.

Estamos a viver o período mais difícil do regime democrático – atingidos pela grave crise económica – que nos sufoca e pelas medidas governamentais brutais e absurdas que, se aplicadas de acordo com a vontade do Governo, irão estrangular a atividade das Câmaras, incluindo a Câmara e autarquias de Sines.

Por via da crise económica tivemos uma redução de receitas em 2011 que ronda os 4 milhões de euros e que não nos permitiu fazer receitas com venda de património – para reequilibrar as finanças e pagar obras importantes para Sines.

Com as Leis que o Governo se prepara para aplicar às Câmaras – caminhamos para a penúria e para a inevitável redução de atividades que vão empobrecer a vida do município e estrangular o Poder Local Democrático.

Apesar deste cenário, nós não vamos baixar os braços nem resignarmo-nos. Estamos habituados à luta, a enfrentar situações difíceis, a vencer obstáculos e a aceitar desafios.

Queremos continuar a desenvolver o nosso concelho, a desenvolver uma cidade com qualidade nos equipamentos para a educação e o ensino, para as práticas dos desportos, criar uma cidade atrativa aos investimentos que criem emprego e produzam riqueza, desde a expansão do Porto de contentores, a reivindicação de uma ferrovia moderna e competitiva, à instalação de indústrias e serviços; à instalação de equipamentos turísticos (queremos ter um novo parque de campismo na cidade num curto prazo) – queremos ter as obras do centro histórico e da avenida da Praia concluídas no prazo de um ano.

Ter um novo Pavilhão de Desportos até final deste ano; ter um novo Centro Escolar de Porto Covo concluído até Janeiro próximo.

Ter o novo Centro de Ensino e Formação Profissional pronto num prazo de 6 meses.

Continuamos a lutar pela construção do novo Centro de Saúde, cujo projeto está pronto para o lançamento do concurso de construção, aguardando pelas ordens do Sr. Ministro das Finanças. Tudo farei para que a sua construção se inicie o mais breve possível e pela vinda de mais médicos para Sines.

Queremos também desenvolver um plano de poupança nas chamadas despesas correntes que se traduzam numa redução de despesas na ordem de 500 mil euros/ano – num prazo de um ano; e aumentar as receitas correntes com medidas de racionalidade e otimização dos serviços.

Queremos continuar a apoiar os carenciados; os idosos e a combater a exclusão social – que é uma fonte de conflitos e um caminho para a insegurança.

Queremos continuar a honrar a Revolução de Abril e a demonstrar às crianças e às gerações mais jovens que vale a pena lutar pela Democracia e pela construção de soluções que enriqueçam a vida democrática e dignifiquem a pessoa humana.

Queremos que se volte a valorizar o trabalho – como uma fonte de riqueza e, principalmente, como um processo de realização, afirmação e libertação do ser humano.

Como ator e construtor de uma sociedade liberta da manipulação e da opressão, mas livre, democrática e solidária.

Viva o 25 de Abril.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

ATA N.º 2 / 2012

Viva o Portugal Democrático, Livre e Solidário.

Após as intervenções do executivo da CMS, efetuadas por parte dos Srs. Vereadores Idalino José do PS e Francisco Pacheco da CDU, e Sr. Presidente da CMS Manuel Coelho do MOV. SIM, o **Sr. Presidente da AMS Fernando Ramos do PS** concedeu a palavra aos Membros da Assembleia Municipal de Sines, representantes dos vários grupos políticos. -----

Informou ainda que, na sessão não está presente qualquer representante do PSD, pelo que a próxima intervenção será feita pelo **Sr. Deputado Municipal João Madeira do BE**, que se reproduz na íntegra: -----

Exmo Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal

Exmos Senhores Deputados Municipais, Exmos Senhores Vereadores

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Assinalamos hoje os 38 anos do 25 de Abril. Na vertigem do tempo, 38 anos é muito e é pouco tempo, mas o tempo suficiente para passar mais do que uma geração sobre os acontecimentos.

Corremos cada vez mais o risco de assinalar o 25 de Abril como assinalámos, vai para dois anos, o centenário da República. Talvez precisemos de dizer que a força de cada um desses acontecimentos é historicamente distinta, não só pela proximidade, como pelo facto da arquitectura política, social e cultural que, apesar de tudo, hoje temos hoje, lhe ser inteiramente devedora.

A transição da ditadura para a democracia fez-se em Portugal, ao contrário de outras transições recentes na Europa, por via revolucionária. Aquilo que começou por ser um golpe militar clássico, tornou-se naquele preciso dia num processo revolucionário.

E que imagem mais elucidativa disso mesmo do que a fotografia de um dos chaimites de Salgueiro Maia, subindo o Chiado em Lisboa, repleto de populares, que se juntavam aos militares, conferindo-lhes essa feição singular de um golpe que desde muito cedo se transformou numa revolução.

Na realidade, o 25 de Abril começou por ser um golpe militar, planificado segundo os manuais de boas práticas, com objectivos operacionais claramente identificados – ocupação das estações de rádio e televisão, do aeroporto, o cerco aos ministérios, um sistema de interferência e de comunicações cuidadosamente preparado, apoio ou neutralização das principais unidades militares, tomada dos centros operacionais instituídos – os Quartéis-Generais, e um posto de comando, centralizando informações, tomando decisões e avaliando em permanência a evolução da situação.

É significativo que as únicas vítimas mortais desse dia tivessem sido causadas pela resistência da polícia política do regime ao assalto movido pelo povo à sua sede. Curioso esquecimento este o dos militares que no detalhe com que foram planificadas as operações militares se tivessem precisamente esquecido da polícia política.

Do mesmo modo que foi por pressão popular que os presos políticos foram libertados dos fortes de Caxias e Peniche. Do mesmo modo que foi essa pressão popular que fez do 25 de Abril a mais importante ruptura



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

ATA N.º 2 / 2012

história do Portugal contemporâneo, que deu início à última vaga de democratizações europeias, como na Grécia e em Espanha e fechou o ciclo do Portugal imperial, com as descolonizações.

As contradições, tensões e problemas que agitaram os meses que se seguiram fizeram dessa fase uma fase revolucionária, em que o novo poder demorava a consolidar-se pela pressão e pela iniciativa dos de baixo, que não aceitavam ser governados como dantes.

Falo de um ciclo histórico que se encerrou, e que é histórico justamente porque se encerrou. São irrepetíveis as circunstâncias históricas que abriram e fecharam esse ciclo, mas há um património, um manancial de experiências que a História e a memória podem e devem respeitar e divulgar.

Podemos identificarmo-nos, discordarmos, distanciarmo-nos dum ou de outro aspecto, mesmo de muitos aspectos do que foi o processo do 25 de Abril, ainda tão na memória das gerações mais velhas. A dinâmica social, o tempo a correr, os processos históricos são o que são e nós neles fomos o que fomos e somos o que somos.

E a quase 40 anos de distância, não podemos deixar de olhar para o país que somos hoje e ver como atravessamos tempos inacreditáveis para as gerações que conquistaram e edificaram a democracia – uma democracia com direitos individuais e com direitos sociais.

O Estado social que o 25 de Abril proporcionou, em larga medida resultado da iniciativa dos trabalhadores e do povo em geral, está ser desmantelado a grande velocidade.

À sombra do défice e da chamada crise das dívidas soberanas que alastra na Europa como mancha de óleo, em particular na Europa do Sul, ganha forma agressiva uma agenda ideológica com vista a impor uma nova estrutura económica e social, submetida às leis capitalista da concorrência desenfreada e da completa desprotecção social.

A desregulação do trabalho e dos direitos sociais galopa à sombra de políticas injustas de austeridade para os de baixo e de benesses para o capital financeiro e especulativo.

O país tem níveis de desemprego tremendos. 15%, a terceira maior taxa de desemprego da União Europeia. Desemprego que incide em particular nos jovens, ultrapassando nesses grupos etários os 35%. Em doze meses mais 33 mil jovens desempregados, atingindo já os 153 mil, segundo dados oficiais.

A austeridade forçada induz a recessão, ao nível do emprego como ao nível das falências das empresas. Desde o início deste ano que se estimam em mais de 1600 as empresas que faliram nos mais diversos ramos de actividade económica. Carestia por força do aumento de impostos cegos, cortes nas áreas sociais, como na saúde ou na educação, degradação das condições de vida por cortes nos salários e nos subsídios.

Somos hoje chamados a tomar posição sobre este estado de coisas. O devir de um país não se constrói com indiferença nem com conformismo. Assinalar o 25 de Abril hoje é evocar um caminho no nosso passado recente que foi em tudo contrário ao que hoje assistimos.

E se, como dissemos, o 25 de Abril é irrepetível, tal como o vivemos e conhecemos, os valores da liberdade, de vida digna com direitos sociais, o direito ao pão e à habitação, à saúde e à educação, o respeito pela soberania nacional são valores transversais ao tempo, são valores da nossa contemporaneidade.

E é nesse preciso sentido que é preciso um novo 25 de Abril para que volte a fazer sentido nos dias sombrios que vivemos, o poema de Sophia de Mello Breyner:

Esta é a madrugada que eu esperava/ O dia inicial inteiro e limpo/

Onde emergimos da noite e do silêncio/ E livres habitamos a substância do tempo



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

ATA N.º 2 / 2012

O Sr. Presidente da AMS Fernando Ramos do PS informou que, a bancada do grupo político da CDU prescindiu da sua intervenção. -----

Nesses termos, para fazer a sua intervenção, concedeu a palavra à Sra. Deputada Cátia Salgado do PS, que se reproduz na íntegra: -----

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal

Senhores Vereadores da Câmara Municipal

Senhores Deputados da Assembleia Municipal

Entidades Oficiais

Minhas Senhoras e meus Senhores

População de Sines

Passaram 38 anos desde a Revolução dos Cravos um período da história de Portugal resultante de um golpe de Estado militar, que depôs o regime ditatorial do Estado Novo, vigente desde 1933, e que iniciou um processo que viria a terminar com a implantação de um regime democrático, com a entrada em vigor da nova Constituição a 25 de Abril de 1976.

Estabilizada a conjuntura política, prosseguiram os trabalhos da Assembleia Constituinte para a nova constituição democrática, que entrou em vigor no dia 25 de Abril de 1976, o mesmo dia das primeiras eleições legislativas da nova República.

Na sequência destes acontecimentos foi instituído em Portugal um feriado nacional no dia 25 de Abril, denominado "Dia da Liberdade", razão pela qual estamos aqui reunidos.

Comemoramos este 25 de Abril num quadro de crise económica, financeira e social, uma das mais graves da nossa vida democrática.

Esta crise agrava a situação do nosso País atinge de forma impiedosa as famílias e pessoas mais pobres e desprotegidas; agrava o desemprego e as desigualdades.

Ainda assim, no início desta crise, período conturbado da nossa história, surgiram medidas com visão estratégica e carácter de futuro. Muitas de cariz económico e social, geradoras de emprego. Como exemplo, cito o lançamento de grandes investimentos, como a refinaria petrolífera de Sines, o porto de Sines, entre outros.

É preciso continuar a apostar no crescimento e emprego para que não se mate a economia.

Voltando um pouco à história mais longínqua, porque é preciso preservar a memória de um povo, recordo que já em 1929, a localidade de Sines foi classificada no plano de melhoramento portuário, com a finalidade de serem efetuadas obras com início datado para 1945. Na realidade nenhuma das obras previstas foi realizada e o porto de Sines voltou a figurar no plano intercalar de Fomento (1964-1975).

Em 1971, através do Decreto-lei nº 270/71 de 19 de Junho, aprovado em conselho de ministros pelo Presidente da República, AMÉRICO DEUS RODRIGUES THOMAZ, aprova a criação de um novo porto, mas para isso era necessária a escolha da sua localização. Para isso foram realizados estudos aprofundados, ficando reduzidas as hipóteses a Lisboa, Setúbal e Sines. O estudo da poluição ambiental, de 1971, mostrou que Sines era a localidade menos poluída e que tinha as melhores condições geográficas e atmosféricas.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

ATA N.º 2 / 2012

Após a avaliação dos estudos, os argumentos pesaram a favor de Sines, para a localização do novo porto. Foi criado o Gabinete da Área de Sines (GAS), na subordinação da Presidência do Conselho de Ministros, com o objetivo de planear, coordenar o desenvolvimento da área de Sines.

Em 1973, foi adjudicada a primeira fase das obras de construção do porto, constituída essencialmente por: um molhe Oeste com cerca de 2 025 m e três postos de acostagem; terminal de produtos refinados; sector de carga geral; molhe Sul com a finalidade de proteger o sector de carga geral e servir de base ao futuro terminal de minerais.

Em 1977, terminou a gestão e exploração do porto de Sines pelo GAS. O GAS foi considerado como tendo falta de aptidão para explorar e administrar os empreendimentos existentes, estando nesta fase concluídas as obras no molhe Oeste e em fase de conclusão o terminal petrolífero. Foi, assim, criada, nesse mesmo ano, a APS, que se apontava com propensão para dinamizar o Pólo em desenvolvimento.

Em 2004, o porto de Sines já se tinha tornado essencial na receção de crude, carvão e gás natural.

Nos dias de hoje assistimos ao crescimento exponencial do Porto de Sines tendo fechado o ano de 2011 com um novo recorde no movimento de contentores. O movimento de contentores cresceu 17%, e atingiu os 447 495 TEU número de contentores movimentados. Os principais países de origem e destino das mercadorias movimentadas por contentor são os Estados Unidos, a China, a Espanha, o Brasil, o Canadá, o México e Singapura. O Brasil foi o país com maior taxa de crescimento em 2011.

O porto de Sines, com o recente Terminal XXI, constituiu uma resposta certa e de sucesso à segunda revolução dos contentores; Tal como já o tinha feito nos anos setenta com o Terminal Petrolífero.

O posicionamento geográfico da costa portuguesa é, talvez, o melhor posicionamento do mundo face a todas as rotas mundiais da navegação: Oriente-Europa; América do Norte-Mediterrâneo; Europa-África; América do Sul-Europa e, muito em breve em 2014 Oriente-Occidente via Panamá com exceção duma única rota: a da América do Norte -Europa do Norte.

Com base nestes dados podemos assumir que somos um grande motor da economia nacional. Solicitamos aos nossos governantes que apostem rapidamente no País, em Sines, para que “a rota da seda do Século XXI” nos dê uma resposta rápida e traga nos seus contentores o novo ouro para os cofres vazios da nossa economia.

Para finalizar as intervenções por parte dos Membros da Assembleia Municipal, o **Sr. Presidente da AMS Fernando Ramos do PS** concedeu a palavra ao Sr. Deputado Carlos Murta do MOV. SIM, cuja intervenção se reproduz na integra. -----

Exmº Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Exmº Senhor Presidente da Câmara Municipal

Senhores Vereadores da Câmara Municipal

Senhores Deputados Municipais

Senhores Eleitos das Juntas de Freguesia

Entidades Oficiais

Minhas Senhoras e meus Senhores

Hoje comemoramos o trigésimo oitavo ano da revolução de Abril. e fazemo-lo pela liberdade, pela paz e pela Democracia.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

ATA N.º 2 / 2012

Abril merece ser comemorado, pelas vitórias alcançadas, a nível da saúde, da educação e da liberdade dos Povos Colonizados.

O 25 de Abril foi feito em nome da liberdade, mas também em nome de uma sociedade mais justa e solidária. Será aí, porventura, que o balanço destes trinta e oito anos de democracia se revela menos conseguido.

A sociedade portuguesa é hoje mais justa do que aquela que existia há 38 anos. No entanto, persistem desigualdades sociais e, sobretudo, situações de pobreza e de exclusão que são indignas da memória dos que fizeram a revolução dos cravos.

Entende-se que muitas pessoas, ao fim de trinta e oito anos de regime democrático, se sintam desiludidas quando confrontam as esperanças de 1974 e a realidade actual.

Com a grave crise económica que vivemos, o vasto horizonte de esperança parece ter desaparecido. Mas não podemos perder a ambição de um tempo melhor. Está nas nossas mãos realizar os sonhos, não perder a esperança, e acreditar que é possível vencer.

liberdade só por si é um conceito vago e abstracto, só é materializável se houver, autonomia económica, por isso é necessário o empenho de todos, para que consigamos o desenvolvimento económico desejável, para que não seja necessário andar a mendigar um emprego, quem pede não é verdadeiramente livre.

Defender o 25 de Abril é apontar os erros que cometemos. Falar verdade e encontrar soluções para as nossas preocupações, é o melhor contributo que podemos dar para o futuro do nosso Concelho.

O poder local, é hoje um marco fundamental, da nossa democracia, por isso é necessário que ele seja exercido com transparência e independência, tratando todos por igual.

O poder local afirma-se pela sua capacidade de bem gerir os recursos financeiros existentes, e o Executivo desta Câmara, tem sabido fazê-lo, reduzindo despesas, melhorando as receitas, e incentivando o desempenho dos técnicos e trabalhadores.

A situação económica do País é grave, o que também afecta as receitas dos municípios, mas o executivo da Câmara de Sines, com esforço, saber, inteligência, e sentido de oportunidade soube trabalhar, não cruzou os braços, e conseguiu apoios Comunitários para o desenvolvimento do Concelho, investindo nas infra-estruturas e equipamentos para a Educação, Cultura, desporto e qualificação urbana.

Fruto de todo um trabalho em prol das Freguesias de Sines e Porto Côvo, e portanto dos Municípios, temos um conjunto de obras concluídas e em fase de construção, nomeadamente: A Nova Escola Junto à Escola Vasco da Gama, concluída e em funcionamento, a estrada de Porto Côvo, concluída e aberta ao trânsito; a nova escola de Porto Côvo, na fase inicial de construção; o novo centro de Formação profissional e a Academia das Energias que se prevê estar concluída durante o segundo semestre de 2012; as obras do centro Histórico, em fase de conclusão; obras da Avenida e da Falésia, com conclusão prevista para o Verão de 2013; o novo Pavilhão desportivo; com conclusão prevista para o final deste ano; a estrada á entrada de Sines, com as obras na fase final de conclusão; a nova Avenida circular panorâmica, em construção com conclusão prevista para o final do 3º trimestre deste ano; o Pavilhão desportivo de Porto Côvo, concluído e em funcionamento.

Todos estes investimentos, requerem uma boa gestão, e um esforço na procura inteligente de meios no sentido de não agravar a situação financeira da câmara.

Os investimentos atrás referidos, irão transformar Sines e Porto Côvo em locais mais atractivos, com melhores equipamentos no sentido de melhorar a qualidade de vida de toda a População.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

ATA N.º 2 / 2012

Como atrás referi, defender Abril é encontrar soluções para as nossas preocupações. A nível do emprego, a nível da economia, a nível das pescas, a nível da segurança de bens e pessoas, a nível do ambiente, a nível da segurança social, a nível da saúde e a nível do bem-estar da população.

A Câmara de Sines, com o seu empenho, a sua força, a sua ousadia, tem sabido encontrar as melhores soluções, para a resolução das preocupações do Concelho

Viva o 25 de Abril, viva o Município de Sines

Após terem sido finalizadas todas as intervenções, o **Sr. Presidente da AMS Fernando Ramos do PS**, agradeceu a presença de todos, salientando a importância da data comemorada.

Registou e congratulou-se ainda com o fato de, naquela sala e a participar naquela cerimónia, estarem muitos eleitos jovens, sinal de que o futuro da democracia está assegurado e bem vivo, ao mesmo tempo que reconhece o papel de tantos outros que, não sendo tão jovens, tanto contribuíram e continuam a contribuir para que Portugal seja hoje um país livre, plural nas suas ideias e democrático.

Terminou a sua intervenção dando vivas ao 25 de Abril de 1974, a Sines e Portugal.

De imediato a Sessão Solene de 25 de Abril de 2012 foi dada por encerrada, eram 12:55h. ---

Presidente da Assembleia Municipal de Sines

Fernando Miguel Ramos

O 1º Secretário da Assembleia Municipal de Sines

Paula Cristina de Brito Valeira Plácido Ledo

O 2º Secretário da Assembleia Municipal de Sines

Ana Eugénia Santa Bárbara Ramos